

X Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2013.

Theodor W. Adorno e o movimento estudantil dos anos 1960.

Bruna Avila da Silva y Alexandre Fernandez Vaz.

Cita:

Bruna Avila da Silva y Alexandre Fernandez Vaz (2013). *Theodor W. Adorno e o movimento estudantil dos anos 1960*. X Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-038/761>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

X Jornadas de sociología de la UBA

20 años de pensar y repensar la sociología. Nuevos desafíos académicos, científicos y políticos para el siglo XXI 1 a 6 de Julio de 2013 Mesa: 81 La teoría crítica en la actualidad de las ciencias sociales

THEODOR W. ADORNO E O MOVIMENTO ESTUDANTIL DOS ANOS 1960¹

BRUNA ÁVILA DA SILVA

Bolsista de Iniciação Científica CNPq; Estudante de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis, Santa Catarina.

ALEXANDRE FERNANDEZ VAZ

Doutor pela Leibniz Universität Hannover, Alemanha; Professor da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil; Pesquisador CNPq.

RESUMO

Uma das questões mais importantes do pensamento de Theodor W. Adorno é sua dimensão política, que nos fornece ferramentas conceituais e analíticas fundamentais para a análise do tempo presente. Isso deve ser feito em duplo registro, no da contribuição da letra do texto do autor, mas também no da continuidade de um projeto de crítica ao presente. Só assim é possível manter-se no movimento da crítica imanente e da tradição dialética. Nesse contexto coloca-se a importância da relação entre teoria e prática política ou, em outros termos, a pergunta sobre o lugar da teoria como prática em uma sociedade que encontrou seu destino na administração absoluta, mas não isenta de fissuras, de sua estrutura. A crítica tecida pelo pensador alemão diz respeito ao obscurecimento da teoria na sociedade promovido não só pelo pragmatismo e utilitarismo capitalistas, mas também por certa irreflexão presente no campo da esquerda. No que diz respeito à relação entre teoria e práxis, para Adorno é preciso manter a tensão entre elas, uma contínua descontinuidade, como forma de preservar distinção e oposição, permitindo o movimento dialética entre ambas. O autor critica a práxis alienada, atestando o valor da teoria em um mundo em que a reflexão fora subsumida à ação. Nesse contexto sua análise sobre parte da oposição extraparlamentar dos anos 1960 é bastante cética, ao supor que esse movimento, enaltecido pela prática, fosse capaz de promover realmente a transformação. É o que mostram vários de seus ensaios dos anos 1960, bem como sua relação com o movimento estudantil, tal como foi documentada no conhecido compêndio *Frankfurter Schule und Studentenbewegung*. Emergem da análise questões importantes que orientam a reflexão contemporânea, e que simultaneamente mostram as tensões da política e da teorização sobre ela, movimento que atinge o exercício de formulação conceitual tanto quanto sua permanência como crítica do presente.

Palavras-chave: *Escola de Frankfurt, Adorno, Movimento Estudantil.*

INTRODUÇÃO

As transformações do mundo posteriores à Segunda Guerra Mundial, assim como a racionalidade hegemonicamente emergente desse tempo histórico que culminou em

¹ O trabalho é resultado parcial do programa de pesquisas *Teoria Crítica, Racionalidades e Educação* (III), financiado pelo CNPq e realizado no Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea. Uma versão dele foi apresentada no *V Coloquio Internacional de Teoría Crítica y Marxismo Occidental*, na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, entre de 6 a 8 de agosto de 2012.

experiências como o nacional-socialismo, o fascismo e o stalinismo, reconfiguram as relações entre indivíduo e sociedade. Teórico do século XX, Adorno tratou de importantes questões de seu tempo, com uma vasta obra que vai desde os anos 1920 até final dos anos 1960. Nela mesclam-se teoria e vida. Fugido da Alemanha nazista, após ter passado por alguns países, Adorno se estabelece nos Estados Unidos da América, a convite de Max Horkheimer, para recompor o *Institut für Sozialforschung*, em Nova Iorque² (Instituto de Pesquisa Social). O *Institut* fora criado em 1923 com o objetivo de teorizar e documentar os movimentos operários na Europa, descrevendo, dentro da tradição marxista³, as mudanças estruturais do capitalismo. Adorno permanece nos Estados Unidos da América até os anos 1950, não apenas em Nova York, mas em Los Angeles, regressando, então, para a Alemanha, tornando-se professor da Universidade de Frankfurt e, ao lado de Max Horkheimer, diretor do Instituto.

A década de 1960 é marcada por um clima intelectual bastante efervescente, no qual as teorias de esquerda ganham novamente espaço não só no campo intelectual, mas também em posições políticas e na militância. Neste contexto, a discussão sobre as tensões entre teoria e práxis, de Adorno, torna-se extremamente relevante devido aos acontecimentos que marcaram essa década na história da Universidade alemã, bem como por causa da relação entre Adorno e os estudantes.

Adorno critica o mundo pós-Segunda Guerra Mundial no contexto das relações capitalistas e da ordenação do social expressa na relação entre teoria e práxis e em suas repercussões no processo de formação. A reflexão de Adorno sobre teoria e práxis em um mundo em que a teoria fora subvertida pela mentalidade pragmática e utilitária, submetida à ação, conduz à pergunta sobre o lugar da teoria como prática. Neste texto procuramos estabelecer a relação entre o pensamento político de Adorno e sua posição frente às ações do movimento estudantil alemão dos anos 1960, bem como a importância da reflexão sobre teoria e práxis para auxiliar o olhar sobre o presente. Para tal discussão é necessário uma pequena imersão no pensamento político do autor. As principais obras utilizadas foram *Palavras e Sinais* (1995c), *Educação e Emancipação* (1995a), *Dialética do Esclarecimento* (1986) cujos conceitos *teoria*, *práxis* e *práxis alienada*, foram considerados ferramentas metodológicas do trabalho.

1. SOBRE TEORIA E PRÁTICA

Para Adorno a relação entre teoria e práxis na sociedade capitalista se dá pela submissão da teoria à prática. Isso é uma consequência da organização da estrutura produtiva e mentalidade decorrente dessa mesma ordenação do social cujo motor central é a mercadoria. Sua crítica, principalmente no ensaio *Notas marginais sobre teoria e práxis* (1995c), diz respeito ao obscurecimento da teoria promovido não só pelo pragmatismo e utilitarismo presentes no pensamento sob as marcas do capitalismo, mas também por certa irreflexão presente no campo da esquerda. A primazia da práxis, nessas relações, provoca o obscurecimento da teoria. A nova ordenação política a partir dos anos 1950, sem grande simpatia pela teoria, conduz a transformação a partir de uma prática irrefletida, ou seja, uma prática não orientada pela análise desse mesmo mundo. A

² Com a ascensão de Hitler, o Instituto teve sua sede invadida pela polícia criminal de Frankfurt, assim como aconteceu com a casa de Adorno e de outros membros da instituição. Horkheimer, diretor do Instituto, mudou sua sede para os Estados Unidos da América, depois de breves períodos em Genebra e Paris, mantendo seu funcionamento e as publicações no exílio. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o Instituto volta à Frankfurt.

³ Os teóricos pertencentes à Escola de Frankfurt encontravam-se marginalizados tanto pela questão teórico-ideológica como na militante e partidária, por serem marxistas não ortodoxos em uma época em que o marxismo-leninismo estava em voga (FREITAG, 1990).

negação não consiste apenas na recusa à teoria, mas é marca de todo impulso prático inerente ao pensamento crítico.

Para além do esvaziamento da teoria, a prática torna-se, na sociedade administrada, amorfa, na medida em que sua origem, o trabalho, é, nessa sociedade, alienado. Segundo Marx, nas relações capitalistas o trabalhador se relaciona de forma alienada com seu produto, provocando um afastamento de si mesmo. O trabalho é algo externo ao homem, este se afirma não na sua relação com a natureza por meio da técnica, mas na negação daquela. Trata-se de puro sacrifício. Como tal, é compulsório e externo ao trabalhador.

(...) a externalidade (*Äusserlichkeit*) do trabalho aparece para o trabalhador como se lhe pertencesse como se [o trabalho] não fosse seu próprio, mas de um outro, como se [o trabalho] não lhe pertencesse, como se ele no trabalho não pertencesse a si mesmo, mas a um outro. Assim como na religião a autoatividade da fantasia humana, do cérebro e do coração humanos, atua independentemente do indivíduo sobre ele, isto é, como uma atividade estranha, divina ou diabólica, assim também a atividade do trabalhador não é a sua autoatividade. Ela pertence a outro, é a perda de si mesmo.” (Marx, 2010, p. 83).

O não reconhecimento de si mesmo no produto de seu trabalho condena a prática à condição alienada, cuja consequência está presente na atrofia da experiência. O desvanecimento da teoria presente na racionalidade pragmática e utilitária conduz à impossibilidade da experiência na sociedade administrada, em que a práxis assume uma forma repetitiva e mecânica, marcada pela racionalidade do sempre igual, como afirma Adorno. Em uma sociedade na qual a única prática transformadora é a de transformar objetos em mercadoria, cuja principal qualidade é o valor de troca e não seu valor, a prática, reduzida à máxima do modo de produção capitalista, assume um caráter abstrato. A racionalidade instrumental apresenta a abstração como única qualidade, produzindo uma subjetividade danificada e uma deformação da espontaneidade:

sua deformação deve ser deduzida como uma forma de reação frente ao mundo administrado. (...) A espontaneidade que a indigência do objeto desfibrou, teria que se agarrar aos pontos frágeis da realidade endurecida, àqueles pontos em que se abrem para o exterior as brechas provocadas pela pressão do endurecimento; não bater ao redor de si indiscriminada, abstratamente, sem levar em conta o conteúdo daquilo que, com frequência, só é combatido por razões de propaganda. (Adorno, 1995c, p. 212).

A oposição entre teoria e práxis provoca o enfraquecimento da teoria perante a práxis, quando esta última é restringida à ação. A frase “quem se ocupa com teoria, sem agir praticamente é um traidor do socialismo”, grafada por um estudante, expressava perfeitamente bem a aversão à teoria como uma característica de um tempo e, além disso, a ânsia dos movimentos estudantis dos anos 1960 em apenas transformar o mundo a partir da ação, esquecendo-se do pensamento que é imanente à prática social. Adorno analisa ceticamente certas movimentações estudantis, pois, segundo pensa, os movimentos puramente práticos – ou orientados por uma teoria meramente afirmativa – não seriam capazes de promover transformação. De certa forma, utilizar-se-iam das mesmas armas daqueles a quem procuram opor-se. Ao priorizarem o agir praticamente, recairiam na lógica utilitária e pragmática, características daqueles aos quais supostamente procuram enfrentar.

As práticas bárbaras realizadas por alguns movimentos de massa no século XX seriam

correspondentes ao descolamento com o real vinculado à alienação do sistema capitalista – isso se materializaria na adesão aos ditames da indústria cultural e ao totalitarismo, por exemplo. A irreflexão e a ausência de uma consciência crítica vincular-se-iam à dissolução do sujeito que se expressara no nacional-socialismo, movimento que, como demonstrado nas pesquisas empíricas sobre o caráter autoritário, é marca da sociedade administrada. Esse processo também estaria em parte do movimento estudantil e de oposição extraparlamentar dos anos 1960.

Em *Educação Após Auschwitz* (1995a), o autor ressalta a necessidade de reflexão sobre o passado, procurando reconhecer os mecanismos que tornaram o nazismo possível. Adorno discute a necessidade de uma educação que se oponha à barbárie. Esta deve ser a premissa de toda a educação, opor-se aquilo que foi Auschwitz, expressão da regressão à barbárie que continuará existindo enquanto permanecerem presentes as condições que a propiciaram. Adorno encontra na formação de subjetividades, apesar de acreditar que o aspecto mais decisivo no fascismo seja muito mais uma questão social, importantes elementos que permitem compreender o nacional-socialismo. Esta seria uma forma de reconhecer os mecanismos que tornaram possível a barbárie, os processos que autorizaram as pessoas a cometerem os atos de genocídio. Para o pensador alemão, responsáveis seriam aqueles que voltaram seu ódio e sua agressão às vítimas dos campos de concentração, que não foram capazes de refletir sobre si mesmos devido à ausência de consciência. Opor-se a isso significa uma “educação dirigida a uma autorreflexão crítica” (Adorno, 1995a, p. 121).

Fortemente influenciado pelo legado de Freud, Adorno identifica nos seus estudos acerca do nazismo a canalização de toda repressão inerente ao ato civilizatório para aqueles que acabaram no campo de concentração e, ainda, a dissolução do indivíduo nos mecanismos de assimilação à massa. Os momentos repressivos da cultura reproduzem a barbárie (Adorno, 1995b), manifestando sua agressividade primitiva e seu impulso de destruição. A Alemanha nazista é o caso perfeito de manifestação da barbárie, demarcada pela disparidade entre desenvolvimento das forças produtivas (alto grau de desenvolvimento tecnológico) e uma formação que não corresponde a esse desenvolvimento, cuja repercussão no indivíduo se dá no despertar de um ódio primitivo como impulso de destruição com tendência imanente a explodir.

Porém o mal-estar na cultura tem seu lado social – o que Freud sabia, embora não tenha investigado concretamente. É possível falar de claustrofobia das pessoas no mundo administrado, um sentimento de encontrar-se enclausurado numa situação cada vez mais socializada, como uma rede densamente interconectada. Quanto mais densa é a rede mais se procura espaçar, ao mesmo tempo em que precisamente a sua densidade impede a saída. Isto aumenta a raiva contra a civilização. Esta torna-se alvo de uma rebelião violenta e irracional. (Adorno, 1995a, p. 122).

O rápido desenvolvimento tecnológico permitiu a influência pragmática sobre a práxis. No entanto, trata-se de uma práxis que fluiu com as tendências *tecnopositivistas* que produziu a recaída a barbárie, como Auschwitz e Hiroshima. Para não recair nesse totalitarismo da prática, é preciso reconhecer que as diferenças entre teoria e prática têm um caráter progressista capaz de frear “o cego predomínio da práxis material” (Adorno, 1995c, p. 213). É preciso, no entanto, manter a descontinuidade entre teoria e prática como forma de preservar suas distinções e oposições, permitindo a relação dialética entre ambas. É certo que Adorno afirma a formação de uma consciência que não promova a separação entre teoria e práxis, porém, uma não separação em que ambas coexistam sem a dominação de uma delas. O autor critica a práxis alienada, atestando o valor da

teoria em um mundo em que a reflexão foi subnegada à ação. A saída da barbárie seria, assim, uma prática oportuna sem que, para isso, fosse preciso recorrer a práticas bárbaras contra a totalidade bárbara. A violência e o horror são, para o autor, pontos de aproximação entre o nacional-socialismo e parte dos movimentos estudantis realizados, especificamente, na Alemanha dos anos 1960.

2. O MOVIMENTO ESTUDANTIL DOS ANOS 1960

Faz-se necessária aqui uma pequena imersão no contexto histórico dos anos 1960 para a compreensão dos fatos históricos aqui comentados e que fundamentam a crítica de Adorno às práticas estudantis alemãs desse período. É preciso caracteriza-las no intuito de compreender o contexto histórico no qual estão inseridos e, principalmente a figura do jovem nesse momento. A juventude nesse período começa a surgir como camada social, o jovem emerge como “ator consciente de si mesmo” (Hobsbawn, 1998, p. 318). Os jovens são reconhecidos como nova geração, não como fase transitória para a vida adulta, passando a compor, com enorme força, a economia de mercado na condição de potenciais consumidores e como indivíduos mais adaptáveis às tecnologias. Surge uma nova cultura juvenil que se expande por todo espaço urbano. Importante figura já do século XIX, o jovem torna-se protagonista de mobilizações sociais. Sua crescente importância se destaca na relevância atribuída ao movimento estudantil, principalmente da década de 1960, que propulsionou diversas mobilizações no quadro internacional, como as barricadas em Paris à volta da Universidade Sorbonne e a conseqüente deflagração da greve geral proveniente da aliança entre os estudantes e trabalhadores franceses.

Herbert Marcuse realiza uma interessante análise sobre as mobilizações que surgem no movimento estudantil à época, tanto no contexto francês quanto alemão. A mobilização que começa miúda, contra a estrutura arcaica da Universidade, conquista a aliança com os trabalhadores franceses quando à pauta acadêmica dos estudantes somam-se as reivindicações dos operários por melhores salários e condições de trabalho. Nesse momento, os estudantes dão o exemplo aos trabalhadores e estes os seguem. Assumem o papel da vanguarda não de uma revolução, mas de uma ação que espontaneamente se transforma em ação de massas. O movimento estudantil francês não contestava apenas a sociedade capitalista francesa, mas também o stalinismo, visava a construção do socialismo em bases distintas daquelas vividas na União Soviética. Para Marcuse, o movimento se torna espontaneamente socialista, porém visa uma nova forma de construção desse socialismo que não as vias de repressão até então adotadas. O protesto é contra todo o sistema de valores e práticas operantes.

O contexto alemão é diferente e não conta nem com o movimento dos trabalhadores organizados nem com o apoio da população, como no caso da França. Segundo Marcuse, o movimento tornou-se mais radical em seus últimos tempos “no sentido de clamar por ação constante e rejeitar qualquer espécie de conversa, discussão, esforços teóricos. O desejo de se tornar e permanecer imediatamente prático é tão forte que se afirma quase diariamente.” (Marcuse, 1999, p. 65). Os estudantes revoltaram-se com a estrutura autoritária da República Federal, contaminada pelo sistema nazista, e desacreditados na possibilidade de um processo democrático alemão. Para esse movimento, quanto mais radicalismo, melhor seria, afinal, “da queima de insígnia à quebra de vidraças e de esforços ou ações desse tipo, tudo se tentou organizar, como um meio de ser ouvido e de ser visto, isto é, como um movimento para se contrapor ao poder de absorção nessa sociedade.” (Marcuse, 1999, p. 66). Marcuse concorda com seu amigo Adorno na crítica ao movimento estudantil alemão. É preciso entender que o contexto das revoltas e o método adotado são diferentes. A juventude ascende nesse período como

indivíduo consciente, porém, entrega-se à pura prática.

3. ADORNO E O MOVIMENTO ESTUDANTIL ALEMÃO DOS ANOS 1960

A tensão entre Adorno e os estudantes recai na questão da práxis. Os estudantes, que até então frequentavam os cursos ministrados por Adorno, exigiam do professor que compactuasse com as ações do movimento estudantil. Exigiam como consequência de sua crítica social o exercício de uma práxis que correspondesse a ações diretas. Quanto a isso Adorno responde em entrevista realizada pela revista *Der Spiegel*, em 1969, que é um homem teórico e não esperava como consequência de suas ideias a propulsão de bombas. Aceitar a violência empregada pelo movimento seria recusar toda a sua história e os acontecimentos do nazismo. Como alguém que vivenciou o nazismo, as marcas de sua trajetória aparecem nesse rechaço à violência. Perseguido por suas ideias, Adorno tivera seu quarto arrombado e vasculhado por agentes da polícia nazista. Ao pensamento de Adorno atrela-se sua própria vida e experiência, sua trajetória marca seu pensamento, consistindo em uma reelaboração crítica de seu próprio passado, um passado comum a muitos que sofreram as consequências do nazismo.

No seu pensamento a relação entre teoria e prática, sempre se deu de forma indireta. A teoria não pode submeter-se à prática, se assim o fizesse estaria condenando a si mesma. A capacidade prática da teoria é proveniente de sua própria objetividade e não de sua submissão à prática. A teoria é uma prática intelectual, posto que a transformação da consciência é também a transformação da realidade social (ADORNO, 1969). Assim afirma-se no pensamento adorniano o lugar da teoria como prática.

Jamais ofereci em meus escritos um modelo para quaisquer condutas ou quaisquer ações. Sou um homem teórico, que sente o pensamento teórico como extraordinariamente próximo de suas intenções artísticas. Não é agora que eu me afastei da prática, meu pensamento sempre esteve numa relação muito indireta com a prática. Talvez ele tenha tido efeitos práticos em consequência de alguns temas terem penetrado na consciência, mas nunca eu disse algo que se dirigisse diretamente a ações práticas. Desde que ocorreu em 1967 em Berlim um circo contra mim, determinados grupos de estudantes insistiram em forçar-me à solidariedade e exigiram ações práticas da minha parte. Isso eu recusei. (Adorno, 1969, s.p.).

O obscurecimento da teoria não é apenas a única marca desse tempo. A razão na sociedade administrada já não é capaz de pensar seus fins, uma vez centrada meramente nos meios. Esse movimento de dirigir a “*ratio*” aos meios foi identificado principalmente por Weber, ele referia-se à racionalidade condicionada aos meios, sendo os fins eleitos por uma decisão fora dos princípios da racionalidade, submetidos à arbitrariedade dessa mesma decisão. A *ratio* não pode ser desconectada de seu princípio de autoconservação, como também do “Eu”. No entanto, ao universalizar a razão, Weber emancipou-a do homem individual e conseqüentemente emancipou também os fins. A implicação do descolamento do indivíduo no processo da racionalização weberiana consiste na própria irracionalidade na medida em que há o descolamento da razão frente ao objeto, convertendo então a racionalidade dos meios em fins. A racionalidade weberiana torna-se irracional na medida em que os fins se tornam em racionalidade dos meios. Adorno acusa Weber de promover a inversão entre racionalidade e irracionalidade. Esse caráter assume na interpretação marxiana o caráter de ideologização da realidade. A racionalidade não poderia conduzir à destruição, se assim o fizesse seria ela mesma a irracionalidade. O sentido da racionalidade é no mínimo a subsistência do indivíduo, que nada mais é que a

própria conservação da espécie. "Passando pela autoconservação, ela decerto alcança o potencial daquela autorreflexão que algum dia poderia transcender a autoconservação, a que ela foi reduzida pela sua limitação ao nível de meio." (Adorno, 1995c, p. 223).

A esse processo soma-se a formação da *consciência coisificada* que em um primeiro momento expressa-se na forma com que essas pessoas se identificam com as coisas e como passam a enxergar o outro também como uma coisa, atribuindo a si um caráter de condicionamento natural, ou seja, como se pudessem ser apenas de um determinado modo, como algo absoluto. A relação entre a *consciência coisificada* e a técnica em sua ambiguidade é bastante presente no que se refere à deturpação das formas de apreensão da realidade, quando as pessoas envoltas em um "véu tecnológico" passam a conceber a técnica não mais como meio, mas como fim (Adorno, 1995a). Ainda não estão claras, para Adorno, as barreiras entre a relação racional com a técnica e a supervalorização dessa técnica que promoveria o incremento das possibilidades de aniquilação humana.

"Os meios – e a técnica é um conceito de meios dirigidos à autoconservação da espécie humana – são fetichizados, porque os fins – uma vida humana digna – encontram-se encobertos e desconexos da consciência das pessoas". (Adorno, 1995a, p. 132).

É o que mostram vários de seus ensaios dos anos 1960, bem como sua relação com o movimento estudantil, tal como foi documentada no conhecido compêndio *Frankfurter Schule und Studentenbewegung*, e interpretada, entre outros, por Jans-Jürgen Krahl e Detlev Claussen, figuras da linha de frente da SDS (*Sozialistischer Deutscher Studentenbund*) e pertencentes ao círculo de estudantes de Adorno. A formação da *consciência coisificada* no rápido avanço da história permite o reinado da práxis. No movimento estudantil isso se expressa na primazia da tática e no conseqüente encolhimento da discussão, ou pior, a farsa da discussão cujo juízo é dado pelo mesmo princípio autoritário presente no nacional-socialismo e no ativismo dos anos 1960. A *consciência coisificada* se expressa no *caráter manipulador*, que "distingue-se por sua mania organizadora, sua absoluta incapacidade para ter experiências imediatas, certo tipo de ausência de emoção, de realismo exagerado" (Adorno, 1995a, p. 115), principalmente na vontade de "fazer coisas", sem que haja uma preocupação com o conteúdo dessas coisas, tornando-se, então, um culto ao homem ativo. A discussão reduz-se à manipulação das facções cujos argumentos não se pautam por sua solidez, mas por sua intencionalidade. É por isso que o autor identifica no ativismo os mesmos traços aos quais este tenta se opor. Dessa forma, o "ativismo submete-se a mesma tendência que acredita ou pretende combater: o instrumentalismo burguês, que fetichiza os meios porque a reflexão sobre os fins se torna intolerável para o tipo de práxis que lhe é próprio." (Adorno, 1995c, p. 217).

A impossibilidade de experiência inerente à fetichização da técnica produz pessoas incapazes de amar. Essa incapacidade está posta na *consciência coisificada* no momento em que as pessoas não se reconhecem umas nas outras e tratam-se apenas como coisas, é o "caráter de frieza" presente nas relações estabelecidas durante o nazismo. Esse mesmo mecanismo psicológico está presente na mente dos estudantes na medida em que aceitam passivamente a subordinação a uma irracionalidade destrutiva presente no ativismo.

Adorno refere-se especificamente a essa forma de manifestação estudantil e não à toda e qualquer manifestação estudantil. Basta lembrar a ressalva feita em *Educação contra a barbárie* (1995b), na qual elege as manifestações contra o aumento da tarifa do transporte e a radicalização que assume o movimento como algo completamente distante da barbárie, por consistir em uma atitude baseada em considerações racionais, tendo em vista um processo realmente racional, mesmo que se oponham às determinações da legalidade. A violência pautada na razão não pode ser vista apenas como reunião de traços primitivos de agressividade, e sim como uma forma de ação política pautada por

uma reflexão cuja finalidade seja transparente.

Se examinarmos mais de perto os acontecimentos que acontecem atualmente na rebelião estudantil, [contra o aumento da tarifa em Bremen] então descobriremos que de modo algum se trata neste caso de erupções primitivas de violência, mas em geral de modos de agir politicamente refletidos. (Adorno, 1995b, p.160)

O movimento de rua de 1968 é resultado de uma década inteira de efervescência política em que surgiam e desapareciam grupos de leituras de obras do jovem Marx, de *O Capital*, dos *Grundrisse* e dos frankfurtianos, em especial de Marcuse. Edições de livros de Marx, publicados na Alemanha Oriental, e de intérpretes como Kropotkin começaram a aparecer em diversas livrarias a preços muito baixos. Essa efervescência estava muito marcada nas panfletagens no restaurante universitário, nos enfrentamentos realizados na sede da SDS, até mesmo na presença e debates em salas de aula, que acabaram por esvaziar os seminários de professores considerados conservadores. A relação de Adorno e os estudantes era bastante forte, muitos participavam de seus seminários e dos extensos debates críticos instigados pelo professor. Reconhecida pelos estudantes direta ou indiretamente, a influência da crítica de Adorno ao movimento pode ser relacionada à crítica à manipulação estabelecida pelo capítulo da “indústria cultural”, escrito por ele e Horkheimer em *Dialética do Esclarecimento*. É preciso esclarecer que a crítica do autor não pode ser aplicada a todo movimento estudantil ou movimento social, pelo contrário, é tecida especificamente a essa forma de manifestação que renega a teoria e assume a máxima da prática e do agir praticamente e, ainda, a violência como método. Adorno de forma alguma desconsidera as conquistas do ativismo estudantil. Na entrevista a *Der Spiegel*, já citada anteriormente, declara que a reforma da estrutura universitária talvez não tivesse sido conquistada se não fosse pelos estudantes. Questionar a estrutura universitária arcaica era visto como uma boa pauta a ser reivindicada, no entanto, para Adorno era considerado um erro sem tamanho a atitude de alguns grupos estudantis, de atacarem a Universidade de Frankfurt. Nos anos 1960 ela representava um dos únicos campos universitários de esquerda na Alemanha Ocidental, que não estava entregue ao capitalismo, ao mesmo tempo em que rejeitava a experiência totalitária da União Soviética. Era uma das poucas Universidades em que se pensavam as relações sociais capitalistas ou soviéticas a partir de uma perspectiva de crítica do presente. Para Adorno, mostrar-se contra essa Universidade em específico era problemático, pois em um contexto de pós-nazismo, em que o conhecimento produzido estava ainda contaminado por aquela ideologia, ali era possível não só falar sobre o que fora o nazismo, mas, além disso, pensar sobre ele de forma a observar aquilo que o possibilitou, os mecanismos e dispositivos que permitiram Auschwitz. Pensar sobre o totalitarismo e suas manifestações expressas tanto no nacional-socialismo como no socialismo soviético, não a partir da negação, mas como algo que deve ser compreendido para que a história não se repita, para que não seja mais possível a experiência do horror, era a tarefa.

4. TEORIA CRÍTICA HOJE

Aquilo que Adorno identifica na década de 1960 pode ser visto ainda hoje tanto no movimento estudantil quanto em outras mobilizações sociais. A mentalidade prática reduzida à ação irrefletida não possui uma finalidade humana, ou seja, não visa à transformação da sociedade para que compactue com a perpetuação e a sobrevivência, não provocava uma transformação efetiva da estrutura social. Os meios passaram a ser os seus fins, sem que uma possibilidade de mudança fosse realmente objetivada. Perdidos em suas próprias táticas muitas manifestações não conseguem nem mesmo

manter suas próprias conquistas, ainda que mínimas. Preocupam-se muitas vezes com o que acreditam ser uma prática política direta a com uma ação pautada apenas no indivíduo, sem que seja visualizado o coletivo. Isso é conduzido muitas vezes não só pela irreflexão, mas pelo contágio da práxis alienada e os reflexos do utilitarismo e pragmatismo. Não percebem alguns estudantes que estão reproduzindo as mesmas ações que condenam. Rejeitam não só a teoria, mas, para além dela, tudo aquilo que poderia resultar de uma reflexão teórica, política e social, aquilo que Adorno refere-se como impulso prático inerente ao pensamento.

As reflexões acerca de teoria e *práxis* nos oferecem importantes ferramentas de análise do social nos permitem diferenciar os grupos sociais e seu papel na correlação de forças. Identificação esta que desde o final da Guerra Fria torna-se cada vez mais difícil, devido à nova configuração do social e da estrutura produtiva. Nesse sentido é de extrema importância o conceito de *práxis alienada* como um reflexo da formação nessa forma de sociabilidade, na qual qualquer movimento social que objetive uma transformação da estrutura social deve se afastar.

REFERÊNCIAS

Adorno, T. W., & Horkheimer, M.(1986). *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Adorno, T. W. (1995a). Educação após Auschwitz. In T. W. Adorno. *Educação e Emancipação*.(pp.119 – 117). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Adorno, T. W. (1995b). *Educação contra a barbárie*. In T. W. Adorno. *Educação e Emancipação* .(pp.155 – 168). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Adorno, T. W. (1995c). Notas marginais sobre teoria e práxis. In T. W. Adorno. *Palavras e Sinais*: modelos críticos 2. (pp.202 – 231) Petrópolis, RJ: Vozes.

Adorno, T. W. (1969). “*Die Philosophie ändert, indem sie Theorie bleibt. Gespräch mit Theodor W. Adorno*”. Entrevista à revista *Der Spiegel*, n.o 19.

Freitag, B. (1990). *A teoria crítica ontem e hoje*. São Paulo: Brasiliense.

Hobsbawn, E. (1998) *Era dos extremos*: o breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras.

JAY, M. A. (1996). Imaginação dialética 25 anos depois. *Contemporaneidade e Educação*: Revista semestral de Ciências Sociais e Educação. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Cultura e Educação Continuada (IEC), 1 (0), 8-21.

MARCUSE, H. *A grande recusa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MARX, K. (2010). *Manuscritos Economicos-filosóficos*. São Paulo: Boitempo.

PAIVA, V. (1996). *Notas sobre educação, dominação e emancipação*: A influência dos educadores frankfurtianos em 1968 e a redescoberta de Siegfried Bernfeld. *Contemporânea e Educação*: revista semestral de Ciências Sociais e Educação. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Cultura e Educação Continuada (IEC), 1 (0), 120 – 143.